

Robert Vannoy , Kings, Palestra 5

©

2012 , Dr.

1. A diferença no propósito e na perspectiva teológica das crônicas

Ok, vamos para “F” “Kings and Chronicles”. “E” era “Uma Teologia Deuteronômica da História”. “F” é “Reis e Crônicas”. “1” é “A diferença em propósito e perspectiva teológica”. Como observamos, Kings é basicamente retrospectivo; isto é, olha para trás explicando às pessoas no exílio a razão da sua condição. Esta ênfase não exclui a apresentação da base para uma perspectiva de esperança relacionada com a restauração da casa davídica em cumprimento do pacto davídico. Mas a ideia de restauração voltada para o futuro está em segundo plano e não é o propósito ou ênfase principal do livro. Crônicas foi escrita depois de Reis. Os últimos versículos de 2 Crônicas falam do decreto de Ciro para permitir o retorno dos exilados a Jerusalém para se restabelecerem em sua própria terra e reconstruírem o templo.

Crônicas, em contraste com Reis, não é tanto retrospectiva quanto prospectiva. Crônicas enfatiza as coisas que forneceriam uma base para o povo que retornava do exílio na época de Esdras e Neemias iniciar o processo de reconstrução sobre uma base sólida. Archer diz em sua *introdução*, página 389: “A ênfase do livro está naquilo que é sólido e válido no passado de Israel como

fornecendo uma base confiável para a tarefa de reconstrução que temos pela frente”. Archer também observa na página 389, “que o propósito do Cronista é mostrar que a verdadeira glória na nação hebraica foi encontrada em seu relacionamento de aliança com Deus, salvaguardado nas formas prescritas de adoração no templo e administrado pelo sacerdócio divinamente ordenado sob a proteção da dinastia divinamente organizada de David. Assim, o escritor está particularmente preocupado com Judá, Jerusalém, o templo, as linhagens de Davi, os reis e o sacerdote Zadoque. O interesse principal é a realeza de Davi e seus sucessores. Isto fica claro desde o

início , conforme visto nos materiais genealógicos encontrados em 1 Crônicas 1-9. O Capítulo 1 traça a genealogia de Adão a Jacó. Então, imediatamente, a primeira tribo traçada é Judá, à qual é dado o maior espaço de qualquer tribo – de 2:1 a 4:23, 102 versículos. Dentro da tribo de Judá, a casa de Davi é enfatizada, com todo o capítulo 3 traçando suas gerações. Às outras tribos comparativamente pouca atenção é dada: Reuben, 10 versículos; Gade, 5 versículos; Manassés Oriental, 2 versículos; Issacar, 5; Dan, 11; Naftali, 2 versos; oeste de Manassés, 6; Efraim, 10; e Asher, 11.

Os reis do norte são mencionados apenas em conexão com os acontecimentos no Reino do Sul. Nenhuma menção é feita à queda do Reino do Norte, e isso é impressionante em Crônicas. O reinado do próprio Davi recebe tratamento extensivo em 1 Crônicas 10-29. Há cerca de 20 capítulos do reinado de Davi. No entanto, em todo este material não há menção aos assuntos familiares e ao grande pecado de Davi. Isto é encontrado apenas em 2 Samuel 12-20. Em vez disso, a ênfase está na sua supremacia militar e em assuntos de interesse religioso, especialmente relacionados com Jerusalém e o templo. Isto deve ter sido de grande interesse e significado para Esdras e Neemias quando renovaram a aliança e tentaram colocar a adoração de Israel em pé de igualdade. Davi é apresentado como o exemplo *por excelência* do verdadeiro rei teocrático (1 Crônicas 17:14, 25, 29, 23), e é visto como um tipo do filho maior de Davi que viria conforme profetizado por Amós, Isaías. , Jeremias e Ezequiel.

Outra ênfase que se torna aparente na história do Cronista é um termo que tem sido chamado de “Teologia da Retribuição”. A ideia é simplesmente que o pecado traz julgamento e obediência, ou justiça, traz prosperidade e paz. Esta ideia, é claro, é central para a aliança mosaica. Continua importante para a comunidade pós-exílica. A intenção desta ênfase parece ser encorajar a devoção de todo o coração ao Senhor, aos requisitos rituais da lei mosaica e restabelecer a comunidade da aliança como um meio de experimentar a bênção de Deus sobre a nação. É assim que tanto Reis quanto Crônicas combinam

ênfases nos temas das alianças Abraâmica e Davídica, por um lado, bem como na Aliança do Sinai, por outro.

Parece, no entanto, que em Reis, embora o foco principal esteja na Aliança do Sinai, não exclui a promessa davídica. Embora em Crônicas a ênfase esteja na Aliança Davídica, isso não exclui a Aliança Mosaica. Acho que há uma ênfase, pode-se dizer, na Aliança Mosaica ou na Aliança do Sinai em Reis, e na Aliança Davídica em Crônicas, mas nenhuma com exclusão da outra. Em qualquer sequência das alianças do Antigo Testamento há diferentes ênfases, mas as alianças prometidas não são isentas de condições e as alianças da lei não são isentas da promessa de Deus de nunca abandonar o seu povo. Também não falta o propósito que ele pretende realizar através deles. As maldições não anulam a Aliança do Sinai; são as implementações das suas sanções. Em outras palavras, traz julgamento e até envia pessoas para o exílio.

Isso não significa que o relacionamento deles foi abandonado ou destruído. É realmente uma evidência de que o relacionamento está em vigor porque foi exatamente isso que Deus disse. Se eles se afastarem dele, a maldição virá. Mas Deus disse que nunca abandonaria esse povo, por isso as maldições não anulam a aliança. São as implementações das sanções do pacto do Sinai e são a implementação das suas sanções. Qualquer tentativa de compreender estes livros que presuma encontrar condições conflitantes nas teologias dos vários pactos do Antigo Testamento distorce a mensagem dos livros, bem como a

unidade dos pactos do Antigo Testamento. Ambos os livros refletem a ênfase da promessa e da lei, ao mesmo tempo que dão destaque a diferentes aspectos dela. Isso toca em uma questão não apenas entre o relacionamento de Reis e Crônicas, mas até mesmo entre a história deuteronomística e a concepção que von Rad tem dela, onde ele postula essa tensão entre essas alianças. Parece-me que não deveríamos vê-los como estando em tensão – as alianças do Sinai e davídica – mas elas funcionam juntas.

Com alguns dos reis que não eram particularmente bons, Deus ainda os abençoou, o que é uma manifestação de sua graça que considero uma coisa boa de aprender.

O outro lado também é muitas vezes verdadeiro; alguém pode se voltar contra Deus, e esse julgamento virá, mas pode ser adiado; pode não ser imediato. Mas acho que geralmente você também vê esse trabalho.

2. Os Problemas Sinópticos entre Reis e Crônicas Tudo bem, “2” “Os Problemas Sinópticos”. Como é bem sabido, Reis e Crônicas contêm muito material em relatos paralelos. A lista de passagens paralelas pode ser encontrada na *Introdução ao Antigo Testamento de Young*, p. 395, ou em *Harmony of Kings, Chronicles, and Samuel, de Crockett*, que está listado em sua bibliografia.

Freqüentemente, as passagens do Cronista contêm contos que não são encontrados em Reis, e muitas vezes o arranjo de material semelhante em Crônicas é diferente. Em outros casos, a concordância entre os dois textos é quase palavra por palavra.

Quando Crônicas é aceito como um registro histórico autêntico e parte do cânon do Antigo Testamento, isso significa que as passagens devem ser entendidas como complementares e não contraditórias. Quando surgem pontos de divergência, ou mesmo de conflito, deve procurar-se uma interpretação que tenha em conta todos os dados sem construir harmonizações simplistas por um lado, mas sem cair num método de abordagem que ponha em causa a credibilidade histórica de Reis ou de Crônicas por outro lado. Incluída na consideração de todos os dados está a possibilidade de corrupção na

transmissão do texto de Reis, ou de Crônicas, ou de ambos.

Por exemplo, encontramos diferenças nos numerais em Crônicas e em Reis. Veja a discussão na *Introdução de Young* . As diferenças nos numerais entre os dois livros são um dos pontos de desacordo mais marcantes. Parece, na maioria dos casos, envolver corrupção textual.

Existem muitas outras diferenças, contudo, que fizeram com que muitos intérpretes adotassem uma visão muito baixa da confiabilidade da historiografia de Reis e Crônicas. Não temos tempo para analisar todas as alegadas discrepâncias ou mesmo onde elas ocorrem. Você pode verificar o livro como *Aleged Discrepancies in the Bible*, de Hailey,

para obter exemplos.

Conflitos entre 1 Reis 9:11 e 1 Crônicas 8:2, por exemplo Mas deixe-me mencionar apenas um exemplo. Em seu livro *Você entende o que lê*, HM Kuitert diz, páginas 14-15 “Se a Bíblia é a palavra de Deus, devemos pelo menos assumir que tudo o que está escrito nela aconteceu como a Bíblia a descreve?”

Obviamente, para ele a resposta é não. Naturalmente, muito do que a Bíblia nos diz aconteceu exatamente como a Bíblia conta, mas há algumas coisas registradas que não aconteceram da maneira como foram contadas. Tomemos alguns exemplos do Antigo Testamento. Em 1 Reis 9:11 e seguintes, somos informados de que Salomão deu vinte cidades israelitas ao rei Hirão. As cidades eram cidades do norte da Galiléia e não tinham importância para Salomão. Mas em 1 Crônicas 8:2 encontramos, em vez disso, que Hirão deu essas cidades a Salomão.

Vejamos o texto de 1 Reis 9:11: “O rei Salomão deu vinte cidades da Galiléia a Hirão, rei de Tiro, porque Hirão lhe havia fornecido todo o cedro, pinho e ouro que ele queria. Mas quando Hirão saiu de Tiro para ver as cidades que Salomão lhe dera, ele não gostou. — Que tipo de cidades são essas que você me deu, meu irmão? ele perguntou. E ele os chamou de Cabul . [que, como diz a nota da NVI, soa como a palavra hebraica para “não serve para nada”], um nome que eles têm até hoje.”

Agora , você compara isso com 2 Crônicas 8:2: “Salomão reconstruiu as aldeias que Hirão lhe dera e estabeleceu nelas os israelitas”. Agora, para continuar onde Kuitert continua, ele diz: “Essas ilustrações” [ele deu essa e várias outras, mas é essa que estamos vendo já que é sobre Reis e Crônicas] ele diz: “Essas ilustrações nos forçam a perguntar uma pergunta simples: qual escritor conta as coisas como elas realmente aconteceram, o escritor de Reis ou o escritor de Crônicas, ou não foi nenhum deles? De qualquer forma, se estamos preocupados com a precisão histórica, não podemos encontrá-la em ambos os escritores. As coisas não podem ter ocorrido precisamente como diz Reis e precisamente como diz Crônicas. Dizer que a Bíblia é a palavra de Deus

não pode significar que todos os seus escritores relatam as coisas exatamente como elas acontecem.”

Agora, voltando a esta questão, o que *fazemos* com este texto? Na *Bíblia de Estudo NVI*, em 1 Reis 9:11, a nota que escrevi lá diz o seguinte: “A comparação dos versículos 10-14 com 5:1-12 sugere que durante os 20 anos de atividade de construção de Salomão ele ficou mais endividado com Hirão do que com Hirão. previsto em seu acordo original (ver nota em 5:9), que previa o pagamento pelo trabalho. Isso está em 5:6, e madeira em 5:10-11. Nos versículos 11 e 14, é evidente que, além da madeira e do trabalho, Salomão também adquiriu grandes quantidades de ouro de Hirão.” Você vê que diz no versículo 11 que Hiram lhe forneceu cedro, pinho e ouro. 2 Crônicas 8:1-2 indica que em alguma data posterior, quando as reservas de ouro de Salomão aumentaram - talvez o retorno das explorações de Ofir ou a visita da Rainha de Sabá - ele liquidou sua dívida com Hirão e recuperou os 20 cidades mantidas como garantia.” Parece-me que ele deu as 20 cidades a Hiram em determinado momento porque lhe devia um dinheiro que não podia pagar, mas mais tarde, quando conseguiu pagá-lo, ele recuperou as cidades. O texto não deixa tudo tão claro, mas é uma suposição razoável quando você junta *todos* os dados envolvidos. Não creio que haja necessidade de concluir que exista uma contradição fundamental entre Reis e Crônicas.

É difícil construir uma cronologia. A ênfase aqui está neste ouro. O próximo

versículo é como Hiram enviou os 120 talentos de ouro, isso está em 1 Reis 9:14.

Parece-me que as cidades podem ter sido a garantia do ouro, mas é uma suposição, admito. Penso que a questão é que não há necessidade de concluir que existe uma contradição. Existem maneiras de entender ambas as afirmações sem chegar à conclusão de que Reis ou Crônicas estão errados.

Portanto, parece-me que este é o tipo de coisa que deve ser buscada em lugares onde parece haver um conflito entre os dois livros. Em alguns casos, pode não haver informações ou provas suficientes para resolver a dificuldade. Em tais casos, isto deve ser prontamente admitido sem uma atitude defensiva que sugira que a visão de alguém sobre a confiabilidade do Antigo Testamento depende da

confiabilidade da resolução de cada assunto deste tipo. Penso que, no que diz respeito à sua abordagem, você não precisa resolver todos os problemas para manter uma visão elevada das Escrituras. Se você não tem as informações para resolvê-lo, deixe-o como um problema. Se você não tem informações suficientes para resolvê-lo, admita que não. Deixamos isso sem solução. Não há nada de errado com isso.

Seguindo em frente, há um sentido em que o Cronista idealiza, não de forma imprópria, mas de forma adequada, David como um tipo de Cristo. Crônicas nem sequer menciona o incidente com Bate-Seba. Passa por cima disso. Mas ainda assim tenha cuidado até onde você vai com isso. Não creio que a história do Cronista esteja mudando, ele está apenas deixando de fora. Neste caso, o Cronista não diz nada sobre as cidades não serem cidades muito bonitas, enquanto Kings diz que ele deu a ele essas cidades sem valor.

Reis e Crônicas podem abordar isso de uma perspectiva diferente, mas é como os relatos dos evangelhos: Mateus aborda a vida de Cristo de uma perspectiva e Lucas de outra, diferente. Isso não significa que não sejam igualmente válidos, mas existem diferentes perspectivas.

Tudo bem, parece-me que não precisamos necessariamente resolver todas essas coisas. É melhor deixar algumas dificuldades como estão do que oferecer harmonizações implausíveis e simplistas. Penso que muitas destas harmonizações simplistas que foram oferecidas podem causar mais danos do que benefícios. É

melhor dizer que não sabe do que apenas construir artificialmente alguma harmonização.

Diferentes perspectivas sobre o mesmo evento histórico Há uma edição do boletim chamado *ICBI Update* . Esse foi o Conselho Internacional para a Inerrância Bíblica. Funcionou por 10 anos e completou seu trabalho de promoção da causa da inerrância bíblica. Seu boletim informativo chamava-se *Update* , e nele Norman Geisler observa que Kenneth Kantzer conta a história de receber dois relatos de testemunhas oculares sobre a morte de um amigo. Já mencionei isso na História do Antigo Testamento antes. Primeiro relato: ela estava parada em uma esquina, foi atropelada por um ônibus, ficou ferida, mas não morreu, e morreu

algum tempo depois. Segundo relato : ela estava andando de carro. O carro foi atingido, ela foi arremessada para fora do carro e morreu instantaneamente. Geisler diz que os relatórios foram recebidos de testemunhas oculares confiáveis. São aparentemente contraditórias, embora não absolutamente contraditórias. Existem explicações possíveis, mas nenhuma delas parece plausível. Mais tarde, Kantzer aprendeu por que devemos confiar nas testemunhas oculares e acreditar no nosso princípio básico de que a Bíblia não contém erros. Ele soube disso: ela estava parada numa esquina, foi atropelada por um ônibus, ficou ferida, mas não morreu. Ela foi resgatada por um motorista, um bom samaritano, que correu para o hospital. O carro dele foi atingido, ela foi jogada para fora do carro e morreu instantaneamente. Ambos os relatórios eram literalmente verdadeiros. Se você não conhecesse os antecedentes, olharia para eles e diria que são contraditórios. A lição é que devemos confiar nas testemunhas oculares mesmo quando elas entram em conflito.

Negando a historicidade do problema bíblico Estamos dois mil anos ou mais atrasados para conciliar todos os problemas da Bíblia porque provavelmente nunca em nossa vida obteremos as informações necessárias para resolver todos os problemas. Há muitas coisas para as quais as informações necessárias foram perdidas e não estão disponíveis para nós. Se tivéssemos todas as informações, isso resolveria essas questões. Sempre que possível, devemos sugerir possíveis

interpretações que resolvam as aparentes dificuldades. Em alguns casos, deveríamos deixar certas dificuldades permanecerem sem oferecer comunicação superficial sem evidências substanciais, por um lado, e sem capitular a posição que põe em risco a credibilidade das Escrituras, por outro lado.

Esta última tentação deve ser completamente evitada, para que não leve a distinções arbitrárias entre as partes das Escrituras em que podemos confiar como historicamente confiáveis, e aquelas em que não podemos. Uma vez que você começa a trilhar esse caminho, não há como separar, traçar um limite e dizer: Bem, isso aconteceu, mas não aconteceu. Há muitos esforços para fazer isso. Parece-me que muita gente diz isso, mas esse argumento deveria ser chamado de argumento da “ladeira escorregadia”. Depois que você começa, fica

cada vez mais longe da verdade. Não é uma abordagem válida, e penso que o seu resultado final é uma perda inevitável da verdade, e isto é certamente algo de que necessita de estar consciente se quiser seguir nessa direcção. Você pode dizer: Bem, são apenas pequenos detalhes, não são importantes. Mas então você vai um pouco mais longe. A história tem mostrado que as pessoas começam com isso e depois se desviam cada vez mais. Geralmente os estudantes vão muito mais longe nisso do que seus professores, e então, na terceira geração, eles desistiram no que diz respeito a manter uma visão histórica das Escrituras.

Artigo de Dillard sobre Descronologização

Uma palavra de cautela aqui é necessária com relação à posição que parece ser sugerida, embora hesitantemente, por Ray Dillard em seu artigo “Um exemplo do método teológico do cronista”, em *The Journal of the Evangelical Theological Society*, volume 23. Se você leu isso, sabe do que estou falando. Se você ainda não leu, tente ler porque acho que é um exemplo desse tipo de problema e algo que vale a pena olhar. Embora Ray levante questões legítimas em seu artigo, há alguns problemas difíceis aí, e mesmo que as respostas às suas perguntas possam não ser facilmente aparentes, parece-me que ele oferece uma posição metodologicamente perigosa ao sugerir que os escritores da história bíblica podem têm a liberdade de utilizar erros factuais para reforçar seu

propósito teológico. Agora, ele não diz isso com tantas palavras, mas meio que sugere isso por meio de perguntas. Você sai da leitura do artigo pensando que essa é a solução que ele acha que tem mais a ser dita, pelo menos é assim que li o artigo.

Esta é, em princípio, a metodologia levada ao extremo por Gerhard von Rad e muitos outros estudiosos que utilizam o método histórico-crítico. Parece-me que a distinção entre “descronologização”, que é um termo que eles usam, quando ambíguo, e erro cronológico quando explícito e errôneo, deve ser mantida para não cairmos numa posição que aceitamos o erro histórico na

narrativa

bíblica . Se você leu o artigo, sabe o que está falando dessa descronologização . Às vezes você pode obter material nas escrituras que não está organizado em ordem cronológica. Está organizado em algum tipo de ordem lógica para um propósito ou outro, qualquer que seja para o escritor. Ora, se essa descronologização , não colocando-a em ordem cronológica, é ambígua, então não há problema nisso. Um escritor pode organizar os materiais fora da ordem cronológica para defender uma ideia. Quero dizer, ele não distorceu nada se não indicou especificamente a sequência temporal. Mas estamos falando de uma descronologização equivocada. Se alguém reorganizar o material e dizer que isso aconteceu aqui, e aquilo aconteceu a seguir e depois aconteceu outra coisa, quando não foi assim que aconteceu, nessa ordem, isso o leva a um erro factual. Parece-me que o artigo de Dillard sugere que o Cronista está usando esse tipo de método. Pelo menos ele levanta a questão: não será esta a melhor forma de resolver o problema? Há um problema difícil e não sei qual é a resposta para o problema. O que estou dizendo é que não creio que queiramos seguir a direção de Dillard para resolver o problema, pois acho que você perde muito mais do que ganha.

Portanto, há esses problemas sinópticos, pode-se dizer, em Reis e Crônicas, e isso também se estende a paralelos em Samuel. Portanto, você tem o problema sinóptico no Antigo Testamento, assim como nos Evangelhos do Novo

Testamento, e o problema sinóptico com os evangelhos é um longo tipo de discussão. Como você harmoniza essas coisas? Alguns temos que deixar em aberto porque não temos informação suficiente, e temos que deixar por isso mesmo. Esse é o fim do meu folheto.

Análise de McConville dos 2 Estágios da História Deuteronomística Vejo que nos restam dois minutos. Achei que iríamos mais longe nisso esta noite. Não mencionei o artigo de McConville que queria que você lesse hoje também. Deixe-me apenas dizer o seguinte: McConville interage com a teoria atual sobre a composição de Reis, que sugere que há uma

redação dupla, ou dupla, da história deuteronomista. Supõe-se que a história deuteronomística original tenha sido escrita na época de Josias. O original era muito positivo e otimista, mas isso foi antes da destruição de Jerusalém em 586 aC. A segunda edição da história Deuteronomica foi escrita na época do exílio. O segundo editor deuteronomista enfatizou a ênfase negativa que você encontra. Essa é uma teoria comum – é uma redação dupla.

McConville diz que sente que há um único autor e sugere que desde o início você recebe dicas de que a realeza é falha e acabará por levar ao exílio. Você entendeu isso desde o início, desde a época de Salomão. Acho que ele está certo nisso. E ele salienta que mesmo as reformas – quando pensamos na reforma de Ezequias e na reforma de Josias – até as reformas são decepcionantes, diz ele. E assim a questão que realmente parece surgir ao longo do livro dos Reis é se algum rei pode realmente proporcionar algum tipo de salvação permanente, ou bênção, ou libertação. Ou é por causa da questão do pecado e da incapacidade inerente do homem de viver de acordo com os padrões de Deus. Deus criou algo que, em última instância e inevitavelmente, levaria ao exílio, e é isso que o escritor de Reis está tentando desenvolver.

Acho que ele acertou em cheio. Acho que isso é uma espécie de pano de fundo, ou um contraponto, para o que você encontra particularmente nos profetas. E, claro, os profetas escreveram durante este período e você vê isso na espiral descendente do reino que eles descreveram. Os profetas começam a

dizer que no futuro haverá um rei que se sentará no trono de Davi, que cumprirá o ideal e trará um reino de justiça e paz. Mas este não será apenas um homem, ele será um homem-Deus. Ele será descendente da virgem e será chamado de “Deus conosco” ou “Emanuel”.

Então eu acho que essa é a ideia básica. Acho que voltaremos a esse tipo de ideia quando entrarmos no conteúdo do livro de Reis em si, e acho que há muito a ser dito aqui e talvez até elaborado em Reis.

Editado por Ted Hildebrandt

Edição final do Dr.

Renarrado pelo Dr.